# É preciso fazer algo pelo mundo? - 10/08/2016

Nossa questão aqui é: basta viver ou é preciso fazer algo pelo mundo? Mais  
precisamente: é preciso dar alguma contribuição política para algum tipo de  
formação educacional ou de consciência? Nesse mundo “aparecemos” meio sem  
saber como e nem porque, vamos vivendo como podemos, crescemos e quando nos  
damos conta há uma vida em andamento: toda uma série de relacionamentos  
sociais, família, esporte, trabalho, lazer, emoções, desejos, o peso psíquico  
e a condição física. Tudo isso nos impõe compromissos e é a soma de todos  
esses fatores que concorrem para nosso movimento e ação. Diz-se, então, que o  
ser humano é um ser gregário e o pode ser na alegria e na tristeza,  
compartilhando sentimentos e sofrimentos, mas abrindo a possibilidade de  
atuação política que pode se confundir com necessidade.  
  
Estamos amarrados no viver: com a sociedade, mas sozinhos. Somos influenciados  
de diversas formas e precisamos dar respostas o tempo todo. Com o mundo cada  
vez mais interconectado e avançado tecnologicamente, a partir da quantidade de  
informações e estímulos que recebemos, somos levados a responder de uma forma  
ou de outra, mas quase sempre seguindo tendências e nos adequando ao padrão  
vigente e muitas vezes nos calando. O tomo lá da cá, a roda da vida nos move e  
nas situações em que somos colocados tentamos sair do outro lado da forma que  
der e evitando o desgaste. É suficiente? Há mais a ser feito?  
  
Fazer algo pelo mundo, politicamente, procurar uma formação para si e para os  
outros é acreditar que algo muda em nós e nos outros. É preciso acreditar que  
cada um não é uma célula individual e fechada, uma mônada, mas que há abertura  
para mudança, que a estrutura racional, psíquica e emocional individual sofre  
alteração e se transforma. É preciso acreditar que cada um pode ser impactado  
e que sua intencionalidade pode ser afetada em busca de novos motivos e ideal.  
É preciso acreditar que a comunicação entre nós viabiliza essa mudança e que  
os ruídos externos e que a capa protetora psicofísica não é suficiente o  
bastante para impedir esse acesso.  
  
Mas, mais do que isso, é preciso colocar à disposição um arsenal ideológico  
que proponha um algo melhor, em algum sentido. E que mais do que manter é  
melhor crescer e que a mudança é benéfica. Sem nos valermos do conflito de  
ideias, sem partir para uma verdadeira batalha de argumentos, não poderemos  
transformar algo e nem sermos transformados. Sair da banalidade e do senso  
comum é tarefa árdua. A busca pela educação, pela nossa formação deve ser  
constante e superar enxurrada de aparências e descrenças.